

Aumento das demissões

Alguns dos maiores estabelecimentos comerciais do Distrito Federal anunciaram ontem drásticos cortes de pessoal. A medida, que se soma às demissões anteriormente registradas no setor da construção civil, deve atingir praticamente todo o comércio varejista, fazendo com que empresários e dirigentes deixem de lado suas divergências para coincidirem numa avaliação pessimista da conjuntura econômica.

As massivas demissões na construção civil e no comércio local são da maior gravidade e deverão se refletir num agravamento de problemas sociais crônicos. Como se sabe, as duas categorias mais duramente afetadas caracterizam-se pelo baixo nível de qualificação profissional e por salários pouco expressivos individualmente. No caso dos comerciários, as comissões sobre as vendas com frequência constituem a principal fonte de rendimento dos trabalhadores. De um modo geral, a massa salarial nos dois setores adquire proporções consideráveis apenas devido ao número de pessoas empregadas.

Depois da administração pública — que também teve reduzidos os postos de trabalho e diminuídos os salários reais sem consequência de uma reforma administrativa cuja necessidade é incontestável — o comércio e a construção civil situam-se como os grandes geradores de empregos no DF. Uma retração nestes

segmentos (claramente originada pela perda de poder aquisitivo dos servidores públicos) assume proporções dramáticas, pois atinge diretamente a camada da população que virtualmente não dispõe de poupanças e agora encontra bloqueadas suas opções de emprego.

O mais grave da atual situação é que a retração do nível de emprego não se limita ao Distrito Federal. Dados relativos à segunda semana de dezembro indicam que a indústria paulista demitiu mais de 200 mil pessoas no ano passado, número só comparável ao de 1981. Num sombrio indício de que as perspectivas não são animadoras, a Bolsa de Valores de São Paulo, centro nevrálgico do capitalismo no País, anuncia uma redução de 25% em sua folha de pagamento a fim de adequar seus gastos à situação econômica.

É inegável que certos segmentos econômicos tratam de valer-se do clima de insegurança com o objetivo de garantir margens de lucros iguais ou superiores às obtidas em períodos de expansão. Em termos gerais, contudo, o que ocorre é o esgotamento das possibilidades de operação em condições onerosas. Indiscutivelmente, o País mergulha na estagflação, com os trabalhadores e o empresariado pagando preços elevadíssimos por uma política econômica que não atinge os objetivos propostos por seus responsáveis.